



Sumário

AGRADECIMENTOS 9

DA RESISTÊNCIA EM TEMPOS SOMBRIOS: CINEMA E POLÍTICA NA OBRA DE
HIRSZMAN – *Eduardo Morettin* 13

INTRODUÇÃO 21

Capítulo I. UMA APRESENTAÇÃO DO CINEMA DE LEON HIRSZMAN 35

Crises do Cinema Novo no Início dos Anos 1970: A Censura e a Condição Econômica 35;
O Cinema Popular de Leon Hirszman 44

Capítulo 2. A ARTE DO NACIONAL-POPULAR: CRISES, PERSPECTIVAS E REVISÕES 61

Representações do Popular em Colapso: O Pós-Golpe de 1964 61; *Contra as Lamentações,
um Retorno à Arte Política* 67; *O Cinema Novo nos Anos 1970: Reencontros com a Arte
do Nacional-Popular* 77; *Dramaturgia de Avaliação i: O Retorno do Popular aos Pal-
cos* 96; *Dramaturgia de Avaliação ii: A Reposição da Militância Comunista e a Forma
Dramática para Tempos de Ditadura* 101

Capítulo 3. *que país é este?* (1976-1977): RESISTÊNCIAS AO REGIME MILITAR EM
UM FILME DESAPARECIDO 113

Afinidades entre Leon Hirszman e Zuenir Ventura 114; *O Projeto e a Ausência de Que
País é Este?* 121; *Contra Quem se Insurgia Leon Hirszman?* 129; *Uma História a Con-
trapelo: A Tragédia e a Resistência do Popular* 136; *O Frentismo, Esboço para uma Teoria
de Ação Política* 149

Capítulo 4. ASPECTOS DA(S) RESISTÊNCIA(S) POLÍTICA E CULTURAL AO REGIME
MILITAR 159

Representações Frentistas no Campo das Artes 159; *Uma Introdução ao Novo Sindicalismo
Brasileiro* 180

Capítulo 5. O CINEMA NAS GREVES: PRÁTICAS DOCUMENTAIS 197

Por um Novo Documentarismo Militante 197; *Leon Hirszman Diante da Greve Meta-
lúrgica* 215

Capítulo 6. *abc da greve* (1979-1990): A ESCRITA DA HISTÓRIA EM
CONFRONTO 229

O “Inferno dos Metalúrgicos” e o Registro da Greve Operária de 1979 229; *Representações do Movimento Metalúrgico em ABC da Greve: Lula, a Mise en Scène Afetiva e o Frentismo Democrático* 244; *O Distanciamento Crítico para o Desmanche do Discurso Autoritário* 263; *Tensões e Negociações Políticas em ABC da Greve* 275; *ABC da Greve e o Processo de Montagem: Hipóteses Sobre o Abandono de um Filme Frentista* 288

Capítulo 7. *eles não usam black-tie* (1981): AS INDECISÕES POLÍTICAS E
DRAMATÚRGICAS DE UM PERCURSO CRIATIVO 297

Os Rascunhos Sonoros do Filme Black-Tie 297; *Segunda-feira, Greve Geral, um Filme que Nunca Saiu do Gravador* 302; *Mudanças de Rota: Descompassos, Teatralidades e Ajustes Durante a Adaptação de Black-Tie* 314

CADERNO DE FOTOGRAFIAS: AS FILMAGENS DE *eles não usam black-tie entre pp.*
326 e 327

Capítulo 8. *eles não usam black-tie* (1981): IMPASSES E NEGOCIAÇÕES DE
HIRSZMAN COM O SEU TEMPO 327

O Filme Black-Tie e as Afinidades com o Realismo Crítico do Teatro de Arena 327; *A Adaptação Cinematográfica de Black-Tie: O Ajuste do Tempo* 346; *Fissuras da Esquerda* 355; *Negociações com o Projeto Estético e Político do Comunismo* 361; *Redenções Interrompidas: Black-Tie Diante da(s) Morte(s)* 390

UM POSFÁCIO SOBRE OS SENTIMENTOS 403

ANEXOS 411

Anexo i. Roteiro Literário de Que País é Este? 413; *Anexo ii. Fichas Técnicas dos Filmes de Hirszman em Análise* 455; *Anexo iii. Fichas Técnicas dos Documentários Realizados em Torno do Movimento Operário e Comparados com ABC da Greve* 459

BIBLIOGRAFIA E FONTES 463

Livros, Monografias e Teses 463; *Artigos, Capítulos de Livros, Catálogos, Textos Publicados em Periódicos e Entrevistas* 468; *Peças Teatrais* 474; *Depoimentos Publicados e Inéditos de Hirszman e Guarnieri* 475; *Entrevistas Realizadas por Mim Durante as Pesquisas* 476; *Bibliotecas e Acervos Consultados* 476

ÍNDICE REMISSIVO 477

Da Resistência em Tempos Sombrios

Cinema e Política na Obra de Hirszman

Eduardo Morettin

O livro *Por um Cinema Popular: Leon Hirszman, Política e Resistência*, de Reinaldo Cardenuto, é uma contribuição fundamental para o exame das relações entre cinema e política durante o regime civil-militar brasileiro. A partir da obra de Hirszman, tanto de seus filmes quanto de trabalhos menos conhecidos, o autor percorre as questões-chave para compreender os projetos estéticos ligados à resistência à ditadura no período.

Antes de comentar alguns dos muitos aspectos que considero importantes do livro, gostaria de recuperar um pouco da trajetória do autor a fim de mostrar ao leitor a coerência de seu percurso e o lugar que nele ocupa *Por um Cinema Popular*, ponto de chegada de extensa produção anterior.

Em sua dissertação de mestrado, intitulada *Discursos de Intervenção: O Cinema de Propaganda Ideológica para o cpc e o ipês às Vésperas do Golpe de 1964*, Cardenuto contrapunha *Cinco Vezes Favela* (1962), produção do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE) aos documentários de Jean Manzon financiados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês), instituto que, como se sabe, com os recursos dos empresários brasileiros e apoio norte-americano, agia claramente no sentido de fomentar o golpe em curso contra o governo de João Goulart. O contraponto proposto pelo autor valorizava a dimensão discursiva dos filmes, ao mesmo tempo que mobilizava as questões ideológicas e políticas postas em marcha por cada um dos lados. Neste trabalho defendido em 2008 na Universidade de São Paulo,

Cardenuto realiza sólida investigação teórica sobre o nacional e o popular, um dos eixos centrais do debate sobre a cultura brasileira que, elaborado no início dos anos 1960, persistirá na década seguinte a organizar a pauta de muitos atores sociais, como é o caso de Hirszman, figura exponencial do Cinema Novo.

O diretor de *Pedreira de São Diogo*, um dos episódios de *Cinco Vezes Favela*, era, em função do papel que desempenhou nesta produção do CPC e em outros projetos da entidade, figura importante na reconstituição dos processos históricos e culturais promovida por Cardenuto nesta pesquisa. Em paralelo e em conjunto com a realização de seu mestrado, o autor se ocupou de Hirszman e do período por meio de inúmeras iniciativas. Dentre elas, posso citar a sua participação nos materiais produzidos para os lançamentos dos DVDs de sua obra pela VideoFilmes¹ e na mostra “Leon Hirszman”, ocorrida em setembro de 2005 na cidade de São Paulo². Cabe lembrar também a curadoria de outra mostra, “Golpe de 64: Amarga Memória”, realizada em 2004 quando Cardenuto integrava o Núcleo de Cinema e Vídeo do Centro Cultural São Paulo, atividade que atesta seu amplo conhecimento da filmografia sobre o tema e, de certa forma, consolida o percurso formativo necessário para um historiador que lida com o período³.

A vintena de páginas de seu projeto de doutorado em torno de Hirszman e de sua atuação nos anos 1970 e 1980 já indicava, portanto, um auspicioso doutorado, pesquisa que acolhi com prazer durante os anos que separam o seu ingresso em nosso programa de pós-graduação em 2010 e a defesa, ocorrida em 2014. A excelência da comissão julgadora de sua tese, composta por Ismail Xavier, Marcos Napolitano, João Roberto Faria e Mônica Kornis, apontava para a importância de sua contribuição e a diversidade dos caminhos que irradiavam de sua leitura, que seguem a história do cinema sem deixar de vista a do teatro, que valorizam o exercício de análise fílmica ao mesmo tempo que mergulham nos dilemas do frentismo nos anos 1970, como tão bem expressa

1. Eu me refiro particularmente aos textos que acompanham os volumes 1 a 4 desta coleção, lançados entre 2007 e 2009, organizados por Cardenuto e Carlos Augusto Calil, e a assessoria de pesquisa para o filme *Deixa que Eu Falo* (2007), de Eduardo Escorel, que está disponível na mesma coleção.
2. Cardenuto, que à época atuava como assessor da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, foi o responsável pela produção e pesquisa, cabendo a Calil a coordenação do projeto. O catálogo traz uma série de entrevistas concedidas por Hirszman, além de sua filmografia completa.
3. O catálogo, homônimo, traz a apresentação de Cardenuto e textos de especialistas, como Marcelo Ridenti, Carlos Fico, Inimá Simões e Rubens Machado Jr., dentre outros, além de extensa filmografia sobre o assunto.

o seu exame de *Eles Não Usam Black-Tie* (1981). Articulam-se, assim, diversas áreas do conhecimento, como a dramaturgia teatral, os estudos do cinema, as ciências sociais e a história política do Brasil, todos os campos abordados quase à exaustão, como as notas explicativas denotam. Esta excelência depois foi confirmada pelos prêmios recebidos: Menção Honrosa do Prêmio Compós de Teses Eduardo Peñuela da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) em 2015; Menção Honrosa do Prêmio Capes de Tese 2015 da área de Ciências Sociais Aplicadas; e, por fim, Menção Honrosa do Prêmio Tese Destaque USP em 2016. A publicação em livro, com apoio da Fapesp, parece soar como consequência natural do reconhecimento progressivo⁴.

Por um Cinema Popular: Leon Hirszman, Política e Resistência se dedica aos principais filmes e projetos de Leon Hirszman entre os anos de 1976 a 1981: *Que País é Este?* (1976-1977), programa televisivo produzido pela *Radiotelevisione Italiana* (RAI) e realizado em parceria com o jornalista Zuenir Ventura, trabalho praticamente desconhecido do cineasta; *abc da Greve* (1979-1990), documentário que registra em 1979 as greves operárias do ABC (Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano), montado em 1980, mas lançado em 1991, quatro anos após a morte do diretor; e *Eles Não Usam Black-Tie*, o seu filme de maior bilheteria, adaptação da peça homônima escrita por Gianfrancesco Guarnieri em 1956.

No livro, assim como na tese, os oito capítulos, anexos e suas mais de quatrocentas páginas se estruturam com subtítulos e divisões internas dispostos com o intuito de facilitar o acesso do leitor ao seu conteúdo. Sem abrir mão da erudição e da complexidade, Cardenuto assumiu conscientemente a ideia de que o livro poderia ser apreciado a partir de dois movimentos distintos: um que fosse de “cabo a rabo”, dado o encadeamento de temas, agentes históricos e questões, e outro no qual os capítulos pudessem ser lidos de modo independente, sem a perda dos argumentos gerais desenvolvidos, como, de modo geral, ocorre em trabalhos que procuram, como o dele, dar conta de diferentes fenômenos artísticos, culturais e políticos. Com essa perspectiva no horizon-

4. Gostaria ainda de destacar que Cardenuto lançou em 2016 *Entre Imagens (Intervalos)*, co-dirigido com Andre Fratti Costa, curta-metragem que trata da trajetória de Antonio Benetazzo, artista plástico e militante assassinado pela ditadura militar. Além desta obra, foi curador da exposição “Antonio Benetazzo, permanências do sensível”, que resultou também na publicação de livro homônimo.

te, organizou a escrita de modo a reiterar, a cada capítulo, ideias centrais em torno da cinematografia de Hirszman e de outras questões políticas, sociais e culturais relacionadas ao Brasil dos anos 1960 e 1970.

Deve ser destacada ainda a extensa pesquisa histórica realizada pelo autor. Os acervos da Cinemateca Brasileira, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo e do Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp, entre outros, foram vasculhados a fim de resgatar documentos textuais e orais que pudessem reconstituir os projetos ideológicos que se encontram na origem dos filmes que constituem o *corpus* examinado pelo livro. Como diz Cardenuto, Hirszman era “praticamente um ágrafo, alguém que fazia raríssimas anotações escritas”. Por isso, os registros gravados de seus depoimentos ou de suas participações em debates foram fundamentais para recuperar os elementos concernentes ao “seu processo criativo ou [às] suas preferências ideológicas”. No que diz respeito às fontes, destaco, dentre inúmeros exemplos que poderia trazer, o exame das gravações das conversas do diretor com Guarnieri a propósito da adaptação de *Eles Não Usam Black-Tie* e da transcrição da banda sonora do filme, hoje perdido, *Que País é Este?*. Cabe ressaltar que o resgate destes testemunhos do cineasta em acervos não teve como resultado a complacência do crítico que acomoda suas leituras às do realizador, como vemos em muitos trabalhos. Cardenuto abordou estas falas como um ponto de vista, privilegiado, de certo, a ser cotejado tanto com os filmes quanto com outros documentos, sem relação de necessária subordinação do que vemos e ouvimos nas articulações das imagens e sons das obras analisadas às fontes. Por fim, devem ser ressaltadas as entrevistas, como a de Zuenir Ventura, a extensa bibliografia, cuja listagem ocupa mais de dez páginas, e os anexos, em particular o chamado “roteiro literário” de *Que País é Este?*, primoroso trabalho de reconstituição feito pelo autor a partir de diversas fontes⁵.

Por um Cinema Popular traz em seu início uma abordagem geral da obra de Hirszman, dos anos sessenta aos anos oitenta, centrada na discussão do que Cardenuto chama de *cinema popular*, com a formulação de uma poética realista que atingisse o maior público possível. Mapeia seu engajamento com o

5. No que diz respeito a este trabalho de reconstituição realizado com *Que País é Este?*, Cardenuto se alinha à tradição, consolidada em nosso país em virtude de ausência de sólida política de preservação audiovisual, de recuperar os regimes de historicidade e estéticos de uma obra a partir dos arquivos cinematográficos, de seus fundos e coleções. Dentre os pesquisadores ao qual filio o autor de *Por um Cinema Popular* está Paulo Emilio Salles Gomes e sua análise de *Na Primavera da Vida* (1926), de Humberto Mauro, estudo presente no luminoso *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*, São Paulo, Perspectiva, 1974.

PCB, o envolvimento com o Cinema Novo, o impacto do golpe militar no campo cinematográfico e teatral, com destaque para a atuação do Teatro de Arena, os dilemas decorrentes da modernização da indústria cultural no Brasil, em particular a televisão, e as perspectivas que surgiram voltadas para as possibilidades de uma arte que conciliasse o nacional e o popular. A atenção dada ao Teatro de Arena se deve à aproximação do diretor a artistas como Paulo Pontes, Vianinha e Gianfrancesco Guarnieri e à formulação do que o autor chama de *dramaturgia de avaliação*⁶, que retoma e revisa as proposições estéticas do nacional e popular para criar formas dramáticas que permitissem “uma aproximação crítica mais eficaz com os espectadores”. Para Cardenuto, os três eixos desta dramaturgia estão presentes nos filmes analisados de Hirszman, formas de expressão desta reelaboração da estética engajada dos anos 1960, da qual ele participou via CPC, e de sua atualização em um perspectiva comunista que se deparava com novos desafios. São eles: “o retorno às representações politizadas do povo, a insistência no militante de esquerda como interlocutor do engajamento e o elogio à forma dramática realista, especialmente na chave emoção-conscientização”. Para chegar a esta conclusão o autor esmiúça o debate presente no campo teatral, revisitando peças como *Rasga Coração*, de Vianinha, e *Gota d'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, dentre outras que poderiam ser aqui citadas.

Dado o quadro geral, Cardenuto examina a fundo seu *corpus*. Uma das maiores contribuições do livro ao entendimento da obra de Hirszman é a recuperação histórica de *Que País é Este?* que, como indica o título, era uma “tentativa de diagnóstico” da situação vivida pelo país, como nos diz Zuenir Ventura. No capítulo dedicado ao documentário, o autor aprofunda a discussão do frenetismo e a sua representação fílmica, comparação e análise que não se restringe aos filmes, mas também às peças que abordaram e incorporaram o tema⁷.

6. Como o próprio autor informa, o conceito foi primeiramente elaborado no artigo escrito por ele para a revista *Estudos Avançados*, com o título “Dramaturgia de Avaliação: O Teatro Político dos Anos 1970”, vol. 26, n. 76, nov.-dez. 2012, pp. 311-332. Cardenuto discorreu sobre o assunto também em “A Sobrevida da Dramaturgia Comunista na Televisão dos Anos 1970: O Percurso de um Realismo Crítico em Negociação”, publicado no livro *Comunistas Brasileiros: Cultura Política e Produção Cultural*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2013, pp. 85-106, organizado por Marcos Napolitano, Rodrigo Czajka e Rodrigo Patto Sá Motta.
7. Esta discussão amplia e aprofunda as análises do pioneiro trabalho de Marcos Napolitano, *Coração Civil: A Vida Cultural Brasileira sob o Regime Militar (1964-1985)*, São Paulo, Intermeios, 2017, e dialoga com o livro de Margarida Maria Adamatti, *Crítica de Cinema e Repressão: Estética e Política no Jornal Alternativo Opinião*, São Paulo, Alameda, 2019.